

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

EMILLY TAUHYL DE CAMPOS

A CIDADE QUE GERA ENCONTROS

As condições físicas de uma praça que podem proporcionar sua
vitalidade.

SÃO PAULO

2013

EMILLY TAUHYL DE CAMPOS

A CIDADE QUE GERA ENCONTROS

As condições físicas de uma praça que podem proporcionar sua vitalidade.

Artigo Científico apresentado à Coordenação de Iniciação Científica como requisito à obtenção do certificado de conclusão da pesquisa desenvolvida no curso de Arquitetura e urbanismo do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

Orientador(a): Prof.^a Denise Xavier

SÃO PAULO

2013

RESUMO

Esta pesquisa pretende discutir e identificar as estratégias físicas que sejam capazes de garantir que um espaço público se torne um lugar vitalizado. A praça como um espaço que favorece o convívio social e propicia os encontros.

A Praça Roosevelt como objeto de análise revela uma configuração de projeto que sofreu incisivas transformações ao longo do tempo que induziram o seu desempenho como espaço público na cidade.

Palavras-chave: Espaços Públicos. Região central de São Paulo. Praça Roosevelt.

ABSTRACT

This research intends to discuss and identify the physical strategies that are able to ensure that a public space becomes a place vitalized. The square as a space that encourages social interaction and propitiates encounters.

The Roosevelt Square as an object of analysis reveals a design configuration that suffered incisive transformations over time that led to its performance as a public space in the city.

Keywords: Public Spaces. São Paulo's downtown. Roosevelt Square.

INTRODUÇÃO

"Em Cloé, cidade grande, as pessoas que passam pelas ruas não se reconhecem. Quando se vêem, imaginam mil coisas a respeito umas das outras, os encontros que poderiam ocorrer entre elas, as conversas, as surpresas, as carícias, as mordidas. Mas ninguém se cumprimenta, os olhares se cruzam por um segundo e depois se desviam, procuram outros olhares, não se fixam." (CALVINO, Italo, 1972, p. 51)

Os deslocamentos da vida cotidiana nos grandes centros urbanos fazem com que as pessoas transitem pelos espaços públicos de um modo desatento, o olhar passa a ser introspectivo e ensimesmado, tornando praticamente nulo esse efêmero período.

A formação das grandes metrópoles modernas da passagem do século XIX para o XX provocou o surgimento de uma nova sensibilidade para o sujeito.

Simmel descreve as características desta sensibilidade como uma natureza reativa e de defesa ao aumento crescente dos estímulos. “Como resultado dessa reserva, frequentemente nem sequer conhecemos de vista aqueles que foram nossos vizinhos durante anos. E é esta reserva que, aos olhos da gente da cidade pequena, nos faz parecer frios e desalmados. Na verdade, se é que não estou enganado, o aspecto interior dessa reserva exterior é não apenas a indiferença, mas, mais frequentemente do que nos damos conta, é uma leve aversão, uma estranheza e repulsão mútuas, que redundarão em ódio e luta no momento de um contato mais próximo, ainda que este tenha sido provocado.” (Simmel, 1973).

Tendo em vista que o indivíduo em meio à multidão perdeu sua identidade e passou a ser apenas mais um entre estranhos, a reação defensiva a essa condição do homem a partir da metrópole moderna foi o retraimento e isolamento em si mesmo e também a preocupação obsessiva apenas com as suas próprias histórias e emoções particulares.

A cidade cosmopolita contemporânea como herdeira da metrópole moderna perpetua a sensibilidade do homem moderno e a intensifica – tornando seu comportamento ainda mais exacerbado. Assim percebe-se cada vez com mais ênfase nos indivíduos, uma supervalorização da vida íntima e da privacidade.

O sociólogo Richard Sennett em *“O declínio do homem público”* interpretou que a partir do século XVIII, devido ao crescimento das áreas urbanas nas cidades, com a produção industrial, ocorre uma mudança de valores e percepções na sociedade. O espaço público que antes era o lugar do reconhecimento, do encontro entre conhecidos, passa ser o local do estranhamento. Com isso as relações pessoais nos espaços públicos dentro da metrópole se tornaram cada vez mais breves e escassas. Sennett explica que, (...) o eu de cada pessoa tornou-se o seu próprio fardo; conhecer-se a si mesmo tornou-se antes uma finalidade do que um meio através do qual se conhece o mundo. (Sennett, 1988).

São Paulo, não diferentemente de outras grandes capitais do mundo também tem no período industrial o momento de profundas transformações em seu território e na formação de uma nova sensibilidade no trato das relações

interpessoais no território urbano. Somado a isso, a formação da metrópole moderna ocorreu descontroladamente em diversos setores, conforme relata Tereza Caldeira, em *Cidade de Muros*, as mudanças que contribuíram para tornar a região de São Paulo mais complexa e diversificada. Entre elas estão: a reversão do crescimento demográfico, deslocamento de parte da população de maior poder aquisitivo para longe do centro e a ampliação do medo da criminalidade, o que levou as pessoas buscarem formas de moradia supostamente mais seguras. A desigualdade social tornou-se mais explícita e agressiva. A consequência dessas mudanças resultou na visível segregação social das classes privilegiadas que vivem em verdadeiras fortalezas não apenas em suas residências, mas também no trabalho e espaços de lazer.

Esses aspectos transformaram a cidade de São Paulo no que ela é hoje, um lugar onde grande parte das pessoas vivem isoladamente em condomínios murados. Em resposta ao sentimento de ameaça, os condomínios fechados criaram uma ordem privada que evita o contato com os problemas da cidade. Esse modelo de moradia restringe e nega a relação entre moradia e cidade. As atividades ficam contidas nos locais privados e controlados, o que aparentemente conforta a população que se sente em uma cidade violenta.

O significado da cidade para o indivíduo se torna vazio e inexpressivo, as ruas adquirem apenas a função de permitir a movimentação dos veículos e a maior parte da vida pública acontece em locais privados. Segundo Weinstein, (...) a cidade é vivenciada como uma passagem através do espaço, com restrições estabelecidas pela velocidade e pelo movimento, e não pela condição estática dos sólidos, dos prédios que definem a experiência do pedestre nas cidades tradicionais. (Weinstein apud Tereza Caldeira, 2000)

As praças, que sempre foram áreas de convivência, perdem a cultura de propiciar encontros, hoje são meramente locais de passagem, acabando com a vitalidade dos espaços públicos. Alex Sun ressalta a importante questão: Quais as características da praça que promovem o convívio democrático? A estrutura física desses espaços afeta diretamente o convívio social e não corresponde com a conectividade intensa e instantânea que acontece na comunicação

virtual. Alex Sun também destaca: "A praça não é apenas um espaço físico aberto, mas também um centro social integrado com o tecido urbano".

OS ESPAÇOS PÚBLICOS NA CIDADE

Os espaços públicos na cidade são locais de encontros e relações, onde se desenvolvem atividades coletivas e possibilitam o convívio social entre cidadãos. Podem exercer diferentes funções como de entretenimento, respiro para o ambiente urbano denso, identidade para o bairro ou para cidade, como também embelezamento do espaço urbano.

Regina Meyer em, *Os centros das metrópoles*, relembra que em 1951, nos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna, onde os centros urbanos foi tema do encontro, os participantes afirmavam que (...) a humanização da vida nas cidades dependia diretamente dos espaços destinados à vida coletiva. A vida urbana metropolitana com qualidade precisa ser caracterizada pela presença e bom desempenho dos espaços públicos.

As praças e os espaços públicos devem ser vinculados ao conceito de um espaço acessível a todos os indivíduos independente da condição social. Regina Meyer também aponta a reflexão do arquiteto José Luis Sert que já em 1951 colocava a seguinte questão: (...) as grandes cidades corriam o risco de se tornar lugares destinados exclusivamente ao trabalho, apontou com precisão e simplicidade as funções que podemos considerar ainda legítimas: pelos atributos, o centro/coração, deve garantir a possibilidade de ser simultaneamente o lugar da reunião e de consciência cívica; reino do pedestre; espaço simbólico da comunidade; locus da arte como experiência e manifestação coletiva. (*Os centros das metrópoles*, 2001).

A rica região central da cidade de São Paulo do século XIX e começo dos XX paulatinamente foi perdendo em poder de atração em relação a outras centralidades que foram geradas pelas dinâmicas urbanas a partir da década de 50 / 60. Sem a capacidade de atrair novos investimentos o centro da cidade de São Paulo, começou um processo de deterioração e esvaziamento.

Com sua importância simbólica rebaixada, mas com sua função de ligação e conexão preservadas – graças ao desenvolvimento radio concêntrico do

Diante desta discussão, este trabalho pretende se aprofundar na situação / problemática da Praça da Roosevelt, constituindo uma análise em duas partes: a primeira será a exposição do projeto original, a concepção do mesmo, contexto histórico e o partido do projeto que resultaram no que a praça se tornou ao longo dos anos, e a segunda parte é após a revitalização concluída recentemente.

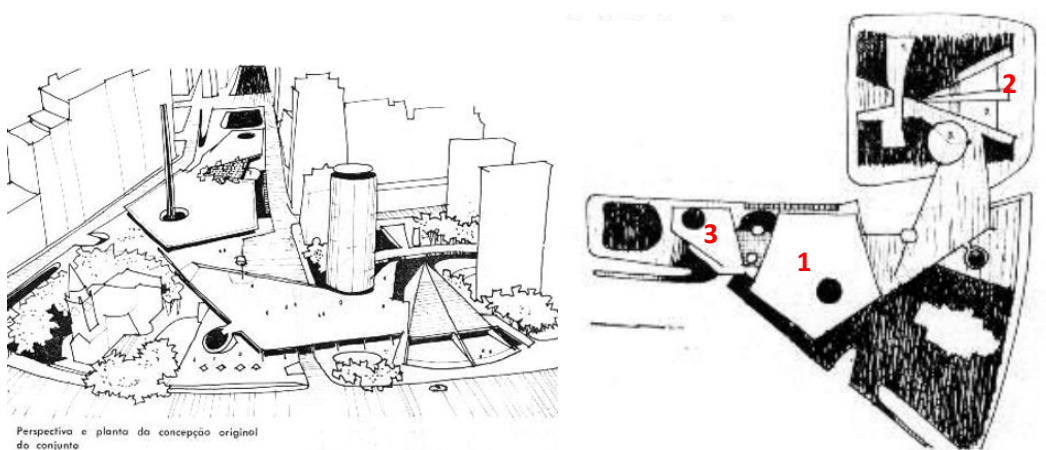
[illegible]

Mapa da região-2001. Radial-Leste cortando a malha urbana. Fonte: ALEX, Sun.Projeto da Praça: Convívio e exclusão no espaço público. São Paulo:Editora SENAC, 2008. 291p.

O projeto original da Praça Franklin Roosevelt foi concebido como um edifício-praça que atenderia as necessidades da área central na época, foram programados diferentes espaços, para diferentes atividades: áreas de serviços de abastecimento, estacionamento, atendimento público, sistema viário sob o conjunto e finalmente áreas para atividades, recreação, lazer e convívio.

O projeto contemplava dois níveis estacionamentos, mantendo as ruas de entorno, o plano principal do projeto fica a meio nível entre as ruas Martinho Prado e antiga Olinda, e, a partir desse plano, derivam-se os demais. A geometria foi consequência do ângulo formado por essas ruas, “coincidentemente o ângulo dos lados alternados de um pentágono regular”. O projeto gerou seis espaços urbanos caracterizados: três praças principais (Praça Maior - em forma de pentágono, Praça dos Pombos e Ante-praça) e três secundárias (Esplanada da Consolação, Praça do Mercado de Flores e Pátio Pergolado).

O projeto da praça deveria refletir a modernização da cidade de São Paulo que crescia rapidamente. O projeto está estreitamente relacionado ao sistema viário da metrópole, com a execução da ligação Leste-Oeste na cidade, pois se configura como um tampão desta via que passa em seu subsolo, sendo um ícone de sua expansão a partir do centro antigo.



Perspectiva e Implantação do projeto original. 1. Praça Maior; 2. Praça dos Pombos; 3. Ante-praça. Fonte: Revista Acrópole, n.780, Dezembro de 1970

Além destes espaços, foi prevista uma vegetação de grande porte contornando a Igreja da Consolação, e um bolsão de estacionamento. Acima da laje de

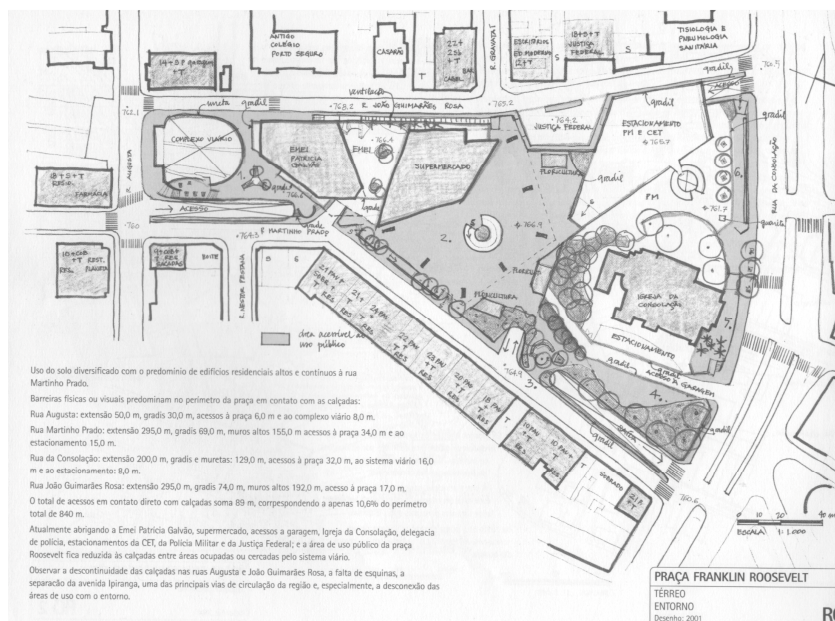
concreto estaria um mercado, substituindo a antiga feira semanal que ali se localizava.

A Praça Roosevelt foi construída em um período da história denominado como “Milagre Brasileiro”, que ocorreu entre 1969 e 1973, quando houve o crescimento forte e rápido da economia brasileira.

O processo de degradação física e social da praça, ao longo dos anos, foi consequência dos problemas de projeto, como a extensa superfície do pentágono, o qual tinha um pé direito baixo, o que não era condizente a uma construção em uma praça pública nessas proporções. Essa degradação se acentuou na década de 1980 e 90, a soma desses fatores ocasionou fechamento de lojas, bares e restaurantes do seu entorno. O tráfico de drogas tomou conta do seu entorno e até do segundo pavimento da Roosevelt que tinha uma má iluminação. O aspecto inóspito e a apropriação dos seus espaços na maioria por usuários de drogas afastou a população. Tornando alvo de críticas e de propostas de reformas para sua revitalização.

Segundo a análise elaborada pela Associação Viva o Centro ao projeto apresentado pela Emurb para a Reforma da Praça em 2009, se concluiu algumas causas da degradação da Praça Roosevelt. O diagnóstico apresentado foi de que há uma falta de legibilidade do espaço construído devido aos diversos níveis que dificultam o acesso e a visibilidade pelos usuários; a falta de verde e o excesso de área construída assim como também as dificuldades de gestão, administração e controle.

O arquiteto Alex Sun, em *O projeto da praça*, apresenta uma análise da situação de seis praças na cidade de São Paulo, dentre elas a Praça Roosevelt. Examina criticamente os conflitos entre o projeto e o uso desse espaço que permaneceu por muito tempo sob a análise crítica de profissionais que tentavam entender os desvios funcionais trazidos pelo projeto. Sendo assim, recorreremos à análise feita por ele para depois disso tentarmos interpretar como as modificações atuais podem colaborar para a retomada desse espaço para a cidade ou se suas iniciativas criam uma possível frustração de seus objetivos.



Planta situação ano 2000-2002. Fonte: ALEX, Sun. Projeto da Praça: Convívio e exclusão no espaço público. São Paulo: Editora SENAC, 2008, 291p.

A análise feita por Alex Sun em 2000 revela a diversidade do uso do solo do entorno, predominando edifícios residenciais contínuos na Rua Martinho Prado. A Praça Roosevelt abrigava a EMEI Patrícia Galvão, um supermercado, a Igreja da Consolação, delegacia de polícia, estacionamentos da CET, da Polícia Militar e da Justiça Federal, e a área de uso público da praça ficava reduzida às calçadas entre áreas construídas ou cercadas pelo sistema viário. Observou a descontinuidade das calçadas e a falta de esquinas, a desconexão das áreas de uso com o entorno. O pentágono era a maior superfície livre para uso, porém era pouco utilizado devido à dificuldade de acesso causada pelo desnível.



Vista aérea antes da revitalização de 2012.

Fonte:<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=100775047>

As entradas limitadas e o isolamento da construção em relação à rua acentuam o uso que privilegia o fluxo de veículos, sendo que a circulação de pedestres ao longo do projeto é descontínua e restritiva, não há muitos espaços que propiciem o convívio.

O pedestre que transitava nas calçadas do perímetro da praça tinha a visão predominantemente de muros. A escassez de equipamentos públicos, o gradeamento de acessos, barreiras físicas e visuais, muros altos e pichados e a falta de manutenção e limpeza são algumas não-conformidades evidenciadas na praça.



Fonte: ALEX, Sun. Projeto da Praça: Convívio e exclusão no espaço público. São Paulo: Editora SENAC, 2008, 291p.

O projeto de revitalização concluído em 2012 contemplou mais acessos com escadarias e rampas em todo o perímetro da praça. Essa permeabilidade é marcada também por um eixo de circulação entre a Rua da Consolação e a Rua Augusta, que é evidenciado por uma sequência de bancos de madeira com um jardim no centro, que favorecem a permanência das pessoas.

O caminho que foi criado entre a Rua Guimarães Rosa e a Rua da Consolação é reforçado pela mudança de piso que induz um fluxo entre essas ruas e convida o pedestre a fazer essa travessia.

A demolição do pentágono proporciona uma compreensão mais simplificada do espaço como um todo. A continuidade das circulações e os espaços mais amplos proporcionam o convívio entre os diferentes grupos como também apenas a passagem pela praça.



Implantação do projeto de revitalização da Praça Roosevelt

Fonte: <http://www.piniweb.com.br/>



Vista aérea da mesma perspectiva: antes (foto da esquerda) e o depois do projeto de revitalização.

Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=100775047>

Apesar do ganho que a revitalização proporcionou para esta área, no que se refere a qualidade do espaço público, a apropriação por parte dos skatistas sempre foi evidente na praça. Antes da revitalização a prática do skate acontecia predominantemente em cima do pentágono e após a revitalização se concentra em frente a Rua Martinho Prado, onde há uma área plana mais ampla. A falta de um espaço próprio para essa atividade na praça gera um

conflito entre os usuários. Na idealização do projeto de revitalização deveria ter sido considerado essa identidade evidenciada anteriormente no local com o intuito de reforçar a apropriação da prática do skate conciliando os diferentes usos nesse novo projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço público na metrópole deve refletir a vida coletiva potencializada de modo que a adaptação e flexibilidade das apropriações favoreçam as relações entre cidadãos e com o ambiente urbano.

A praça como espaço público onde pode ser reforçada a experiência de vida coletiva, deve ser pensada como um ambiente integrado com o tecido urbano que estabelece uma relação com o entorno. O projeto de revitalização da Praça Roosevelt possibilita uma permeabilidade através de todas as ruas que delimitam a praça, com escadas, rampas e canteiros com muretas baixas. A visibilidade do espaço como um todo por parte do usuário favorece a travessia pela praça assim como traz uma segurança em ficar no local.

Os desenhos desses espaços na cidade devem ser analisados pontualmente, considerando as suas particularidades e destinando o espaço público para os devidos usos. O desenho da praça deve corresponder a sua memória e identidade existentes, no caso da Praça Roosevelt, o projeto de revitalização exclui a opção de um espaço apropriado para a prática do skate.

REFERÊNCIAS

ALEX, Sun. **Projeto da Praça: Convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo: Editora SENAC, 2008, 291p.

CALDEIRA, Teresa P. do Rio. 2000. **Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34/Edusp.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Companhia das Letras, 1972.

MEYER, Regina Maria Prosperi (org.). Associação Viva o Centro, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. **Os centros das metrópoles: Reflexões e**

propostas para a cidade democrática do século XXI. Editora Terceiro Nome, São Paulo; 1ª edição, 2001.

Revista Acrópole, n.780. Praça Roosevelt, São Paulo. Dezembro de 1970.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SIMMEL, Georg. **A Metrópole e a Vida Mental, O Fenômeno Urbano,** 4ª Edição da Zahar Editores, 1979.